

MUSEU

AO VIVO

ANO XI Nº19
MARÇO DE 2000
A JANEIRO
DE 2001

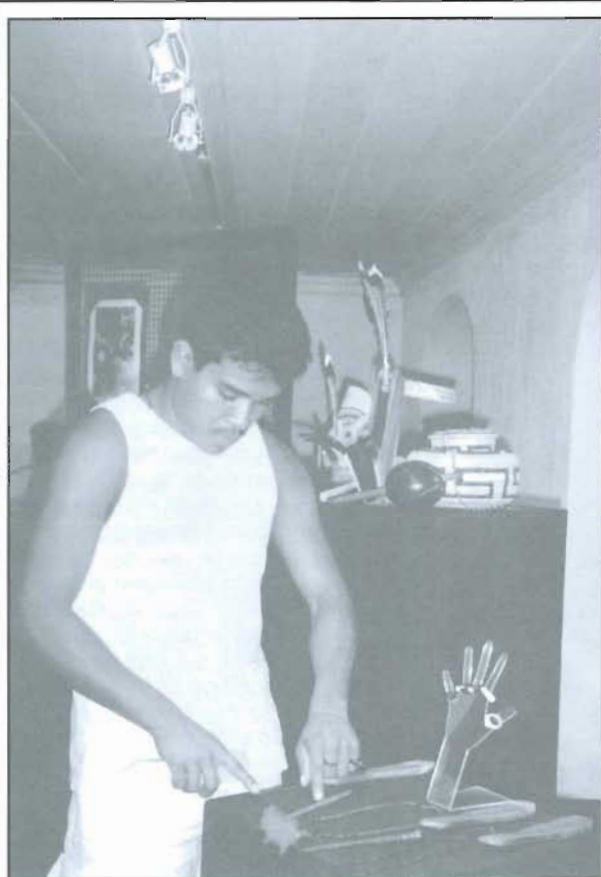
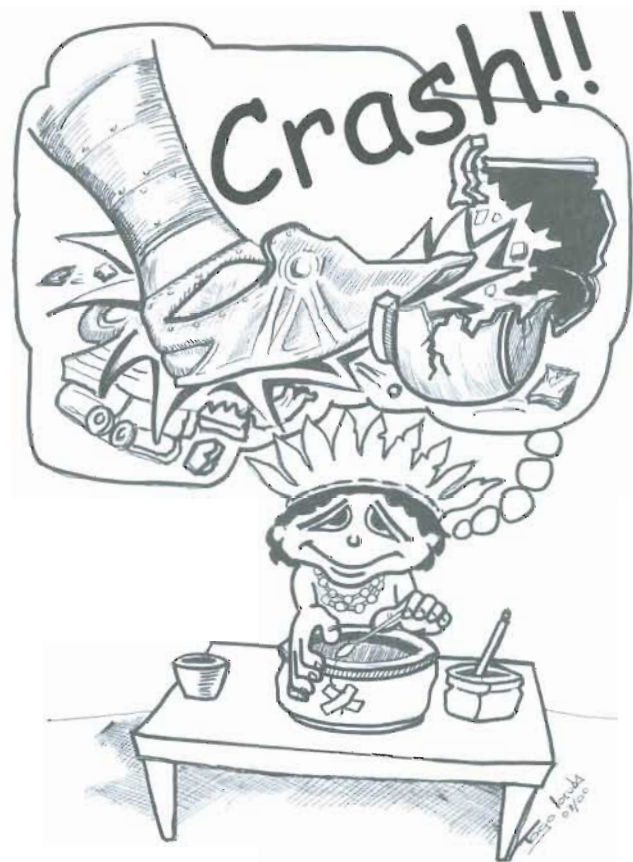


Foto: Gil Stanckle

Índios Pataxó aprendem no Rio como organizar museus.



Técnicos do Museu do Índio, no Rio, deram treinamento em administração e técnicas de museologia para a equipe Pataxó do Museu Indígena de Coroa Vermelha (BA). *Página 2*

EDITORIAL

Lideranças indígenas têm procurado o Museu do Índio movidas pela idéia de montar museus e/ou centros culturais. Tais projetos representam uma face do grande esforço que vários povos têm empreendido para revitalizar e valorizar suas culturas tradicionais frente as suas novas gerações e, ainda, para apresentá-las, com orgulho, aos não-índios. O desejo pelos museus parece surgir na mesma proporção em que se consolida a auto-estima de um povo. E esse sentimento toca hoje os Kayapó, os Guarani, os Tikuna, os Pataxó e muitos outros.

O Museu do Índio tem procurado adequar-se a essa nova demanda dos povos indígenas, desenvolvendo um

programa de suporte técnico às comunidades interessadas em receber treinamento e apoio profissional para viabilizar seus projetos. O programa de Revitalização do Patrimônio Cultural Indígena contempla ações como a realização de oficinas, treinamentos, publicações e consultorias a povos indígenas. É nesse contexto que realizamos, em parceria com a 9ª Sub-Regional/ 7ª Superintendência Regional/IPHAN a primeira oficina, totalmente dedicada às necessidades de treinamento dos Pataxó de Coroa Vermelha (BA), responsáveis pelo gerenciamento do Museu Pataxó.

Esta edição de Museu ao Vivo é dedicada à temática dos museus tribais, assunto, que, acreditamos, será a tônica entre os povos indígenas no novo milênio.

Oficina de gerência de museus para os Índios Pataxó

O Museu do Índio tem priorizado, nos últimos anos, o desenvolvimento de programas de apoio a povos indígenas interessados no resgate e divulgação de seu patrimônio cultural. Dentro desta proposta está a realização da "Primeira Oficina de Gerência de Museus para os Povos Indígenas", em dezembro de 2000, no Rio de Janeiro. A instituição inicia, assim, mais uma etapa do compromisso junto às comunidades que buscam montar seus próprios museus e centros de referência. O objetivo central deste primeiro encontro é oferecer um treinamento básico para os índios que formam a equipe do Museu Indígena, inaugurado em agosto passado, na Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, que ocupa 1.492 hectares do município de Santa Cruz de Cabrália, Bahia.

Durante cinco dias, os técnicos do Museu do Índio e os Pataxó trocaram informações sobre administração e técnicas de museologia, além de fazerem visitas a outros museus do Rio de Janeiro. De acordo com a chefe do Serviço de Atividades Culturais e Divulgação, idealizadora e coordenadora do evento, Arilza Nazareth de Almeida, a Oficina buscou dar aos índios informações sobre como gerir um museu, coletar e preservar um acervo e ainda atender ao público de forma eficiente. Em sua avaliação, todos saíram ganhando com a atividade: "Acredito que tenha sido uma experiência enriquecedora para os Pataxó mas, do nosso ponto de vista, foi muito importante porque na organização da oficina tivemos a oportunidade de refletir sobre nosso próprio trabalho como também de trocar com eles experiências e de aprender sobre as diferentes maneiras de se pensar um museu."

A equipe do Museu de Coroa Vermelha voltou

para a aldeia entusiasmada com a missão de passar aos companheiros todo o aprendizado adquirido. Mais informados e organizados, os Pataxó disseram que desejam, agora, transformar o novo Museu num centro de referência e resistência da cultura indígena no Brasil.

MUSEU INDÍGENA

A parceria Museu do Índio/FUNAI, IPHAN e Ministério da Cultura viabilizou a montagem do Museu Indígena, em Coroa Vermelha, na Bahia. O novo espaço é administrado pelos próprios índios, sob a coordenação do cacique Karajá Pataxó, de 38 anos. Toda a comunidade indígena da região, que reúne cerca de 2.300 pessoas em 380 famílias, está envolvida com as novas atividades. Além do Museu, os índios administram o Centro Comercial Indígena, conhecido como Patashopping, que reúne 54 lojas, onde é comercializada grande parte da produção artesanal dos Pataxó. Os índios também apresentam ao público as danças, os cantos, e um pouco da culinária pataxó. Todas as atividades são planejadas, produzidas e executadas pela própria comunidade. A exposição mostrada no Museu de Coroa Vermelha, "A Arte de Viver Indígena", apresenta peças e fotografias de etnias de todo o País e foi montada pelos Pataxó com o apoio dos técnicos do Museu do Índio e do IPHAN.

Segundo Cássia Maria Silva Boaventura, diretora da regional do IPHAN de Porto Seguro, a mostra atual é apenas o início de um projeto maior que inclui coleta de peças e documentos referentes à cultura indígena brasileira, inclusive depositados em museus estrangeiros. A atual exposição vai ser, portanto, constantemente enriquecida e complementada.

Encontro de museus comunitários no México



José R. Bessa Freire*

Huajimic é uma pequena comunidade indígena, localizada ao pé da *Sierra Madre Occidental*, no município de *La Yesca*, Estado de Nayarit, no México. Lá vivem 600 índios *Huichol*. Eles fazem roça, fabricam adornos, tecem, pintam e bordam e ainda cuidam de um museu, que mostra aos visitantes as artes, vestimentas, instrumentos de trabalho, crenças e formas de vida do povo *Huichol*.

Quem fala com entusiasmo do museu é o líder *huichol* Maurílio Trinidad, durante o Primeiro Encontro Regional do Movimento por uma Nova Museologia (MINON), realizado em novembro passado. Ele foi aplaudido por mais de cem participantes vindos de doze estados do México e de três países: Canadá, Inglaterra e Brasil.

A sede do encontro poderia ter sido uma cidade grande. No entanto, optou-se por três pequenos povoados – Ahuacatlán, Jala e Ixtlan del Rio – com população inferior a 20 mil habitantes, onde não tem hotel, mas existem museus comunitários. Os próprios moradores desses três povoados alojaram gratuitamente em suas residências os participantes vindos de fora, oferecendo-lhes as refeições, o que já dá uma idéia do envolvimento da comunidade com os museus.

O México é um exemplo vivo do poder de um museu, criado e mantido pela própria população. Nos últimos quinze anos, moradores de pequenos povoados organizaram mais de 160 museus comunitários, que hoje estão espalhados pelo país. O prestígio do museu como instituição enraizou-se nas camadas mais pobres da população. Em 1992, camponeses sem terra invadiram uma área em Zacatecas, distribuíram lotes entre as famílias invasoras, mas reservaram espaço para a construção de um museu comunitário, conforme informou Marta Galván, lutadora camponesa, presente ao encontro do MINON.

Nos informes dados por cada participante, ficou claro como esses museus cuidam, muitas vezes, das zonas arqueológicas, impedindo o saqueio do patrimônio aí existente, preservam a memória e a história da comunidade, zalam pelo meio ambiente com exposições sobre o lixo orgânico e inorgânico ou sobre a salvação dos rios poluídos, realizam oficinas de artesanato e de danças populares, refletem sobre a questão da cidadania e dos direitos humanos e tratam do cotidiano e dos problemas da comunidade.

O Programa Nacional de Museus Comunitários e o Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH) oferecem assessoria técnica e apoio logístico às comunidades que querem organizar seus museus. Eles apoiaram o encontro que, no final, aprovou Plano de Trabalho e elegeu o Comitê Mexicano regional do MINON, cuja direção internacional é formada, entre outros, por uma museóloga brasileira, Odalice Miranda (do Museu Comunitário – Santa Cruz – RJ) e por Raúl Mendez (México), responsável em grande parte pelos avanços da nova museologia em seu país.

(*) O coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERJ, José R. Bessa, dá aqui uma breve notícia sobre o encontro do Movimento por uma Nova Museologia (MINON) realizado recentemente no México. José R. Bessa é o atual presidente da Sociedade de Amigos do Museu do Índio – SAMI.



Foto: Cristina Botelho

EXPEDIENTE

Jornal *Museu Ao Vivo* - nº19 Ano XI
março/2000 a janeiro/2001

Editado pela Seção de Comunicação Social/
Serviço de Atividades Culturais e Divulgação -
SACD

Museu do Índio

Fundação Nacional do Índio

Presidente da Funai: Glenio da Costa Alvarez

Diretor do Museu do Índio: José Carlos Levinho

Chefe do SACD: Arilza de Almeida

Responsável pela Seção de Comunicação

Social: Cristiana Botelho

Jornalista responsável: Cristina de Jesus

Botelho Brandão - Reg. Prof. 18.678

Consultora Técnica: Arilza de Almeida (Antropóloga)

Redação: Cristina Botelho, Fabiane Chiessi e

Rosângela Abrahão

Programação Visual: Orlando Vieira

Ilustração: Togo Ioruba

Editoração de Imagens: Gê Stancke

Tradução e adaptação: Arilza de Almeida, Fabiane

Chiessi e Sônia Coqueiro

Tiragem: cinco mil exemplares.

Museu do Índio

e-mail: comunicacao@museudoindio.org.br

**Museu Ao Vivo não se responsabiliza por
conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.**

PESQUISA

Denise Portugal*

Organização dos acervos de filmes e fotografias da Comissão Rondon no Museu do Índio

A fotografia, desde meados do século XIX, e o cinema, desde o início do século XX, constituem-se em meios de comunicação e de registro documental que têm marcado o desenvolvimento cultural e tecnológico da humanidade. Através destas linguagens, a Comissão Rondon construiu toda uma representação da realidade do sertão brasileiro, bem como de seus habitantes, sob o olhar positivista do seu comandante. O conjunto de documentos fotográficos e filmicos atribuídos à Comissão Rondon, descrito como um estoque de informação, que se encontra hoje sob a guarda do Serviço de Registro Audiovisual do Museu do Índio, constitui-se em importante fonte de informação primária, por ser o registro das atividades desenvolvidas pelas expedições chefiadas pelo Marechal Cândido Rondon no período de 1890 a 1930. Este estoque, contudo, precisa ser organizado de modo que as informações nele contidas possam ser recuperadas e disponibilizadas.

Devido à natureza do fundo (conjunto de documentos), em evidência, isto é, o de uma comissão instituída para executar determinadas atividades e não de uma instituição com estrutura administrativa, parece oportuno a adoção do arranjo funcional para seu tratamento técnico. A aplicação do método funcional na organização de um conjunto documental arquivístico envolve toda uma atividade intelectual, de coleta, análise e síntese de informações contidas em fontes primárias e secundárias que levam a um profundo conhecimento da instituição que o gerou. Essa pesquisa se faz ainda mais necessária no caso de acervos imagéticos, uma vez que as imagens por si só não fornecem os dados suficientes para sua identificação e contextualização histórica.

Finalizado o arranjo, será elaborado um inventário das fotografias e filmes acumulados pela Comissão Rondon o qual agregará ainda mais valor ao estoque informacional em questão.

Arquivos permanentes são, segundo a abordagem do ciclo de vida dos documentos, os arquivos definitivos na medida em que encerram documentos que possuem um valor de testemunho de uma época. Trata-se portanto de arquivos históricos cujo potencial de informação está



Marechal Rondon - reprodução fotográfica de pintura

intimamente ligado à qualidade da intervenção do trabalho arquivístico.

* Projeto de dissertação de Mestrado de Denise Portugal, chefe do Serviço de Registros Audiovisuais do Museu do Índio, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT/ Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação - UFRJ/Eco.

Museu do Índio climatiza suas reservas técnicas

As reservas técnicas, a biblioteca e as salas de exposição do Museu do Índio estão sendo climatizadas. Trata-se do projeto "Preservação do Acervo do Museu do Índio", que garantirá a conservação adequada das áreas que abrigam o acervo da Instituição. Equipamentos de controle ambiental, através da checagem dos níveis de umidade e temperatura, proporcionarão as condições climáticas apropriadas à preservação dos mais diversos materiais, como cestarias, madeira, filmes e CDs.

O projeto quer preservar o patrimônio cultural indígena. Com isso, o público do Museu pode conhecer e consultar um acervo bem cuidado e os índios têm seus documentos e tradições preservados. Quem apoia o projeto é o Ministério da Cultura.

INFORMES MI

· **Curso de atualização para professores** – No início deste ano, professores do ensino fundamental da rede pública e particular poderão participar do curso de atualização "Índios no Rio de Janeiro" no Museu do Índio. O objetivo do curso é fornecer informações sobre os índios que habitam e habitavam o Rio de Janeiro. Os professores que fizerem o curso assistirão a palestras e vídeos e farão uma visita monitorada pelas áreas de exposição do Museu do Índio. Os participantes receberão certificado e apostilas. Maiores informações pelo telefone 286-8899, ramais 238 e 239.

· **Brincando no Museu** – O público infantil se diverte no final de semana com as oficinas do Museu do Índio. Argila, pintura corporal e tecelagem são algumas das atividades que o evento Brincando no Museu promove. As crianças que participam contam com a supervisão de arte-educadores e ainda ganham a revistinha "Corpo e Alma Indígena – para colorir". Sábados e domingos, das 15 às 17 horas, grátis.

· **Visita guiada** – Índios guiam visitantes no Museu do Índio aos fins de semana, das 13 às 17 horas.

· **Visitação** – O Museu do Índio está aberto à visitação de terça a sexta-feira, das 10 às 17h30min. Sábado e domingo, das 13 às 17 horas. O ingresso custa R\$ 2. Grupos e escolas podem marcar visita pelo telefone 286-8899, ramais 238 e 239. Escolas públicas têm entrada franca.

ENTREVISTA

Com Karen Coody Cooper*



A especialista em educação museológica Karen Coody Cooper, do Smithsonian Institution, EUA, acredita que os povos nativos devem ter a oportunidade de contar as suas próprias histórias e de cuidar de seus objetos.

MV - Qual a importância dos museus tribais para as sociedades nativas contemporâneas dos EUA?

Karen - Atualmente, preservação cultural, identidade e conhecimento sobre o passado de um povo são questões importantes, assim como sua sobrevivência econômica, conhecimentos gerais e situação legal. Apesar de os museus serem algo estranho, e, algumas vezes, antagônicos aos povos nativos norte-americanos, sua existência se faz necessária em comunidades tribais em vista dos serviços que um museu proporciona. O modelo de museu pode se adequar às necessidades e interesse dos povos nativos. A tribo Makah da Costa Noroeste usa seu museu para ajudar na preservação de sua língua, além de observar regras e comportamentos culturais na guarda do acervo (guardando em diferentes compartimentos os materiais de cada clã e separando objetos masculinos e femininos). Durante a recente renovação dos direitos dos Makah para pescar baleias (que enfrentou protestos do público), o próprio museu sentiu-se preparado para explicar a posição da tribo diante dos repórteres, educadores, cidadãos e outros grupos interessados. Os membros da equipe do museu têm experiência em traduzir sua cultura seja por meio de exposições, seja ao receberem seus visitantes ou durante a apresentação de programas e, assim, tornam-se excelentes "relações públicas".

MV - Quando e como os museus tribais surgiram nos Estados Unidos?

Karen - Há mais de 150 museus tribais, o que significa museus administrados por índios americanos. Como existem mais de 500 governos tribais na América do Norte, há, portanto, um potencial para a criação de outras centenas de museus tribais. Alguns destes museus foram criados nos anos 30 e há referências de que uma tribo chegou a considerar o desenvolvimento de um museu cem anos antes disso, mas foi interrompida quando seu povo foi transferido para outro local. Outros museus tribais se desenvolveram com o passar do tempo e o grande surgimento se deu depois dos anos 60. Os primeiros museus geralmente começavam a partir de ações individuais e os mais recentes são iniciativas de governos tribais. Até a década de 80, pequenos museus de todos os tipos raramente tinham equipes com treinamento formal ou experiência. Em 1989, após anos de negociações a respeito de um grande acervo de objetos de índios americanos, um ato do Congresso instituiu o Museu Nacional dos Índios Americanos (National Museum of the American Indian) no Instituto Smithsonian (Smithsonian Institution) e, simultaneamente, pediu ao Smithsonian para proporcionar treinamento para as comunidades indígenas americanas.

MV - Como é o programa de estudos do Museu dos Índios Americanos no Smithsonian Center for Education and Museum Studies?

Karen - Nós oferecemos oficinas de uma semana, realizadas em sedes tribais selecionadas entre vários grupos indígenas. Proporcionamos quatro oficinas por ano e cada oficina focaliza um tópico em particular, como preservação de acervo, desenvolvimento de público, estratégias para angariar fundos ou desenvolvimento de exposições. Nosso programa paga as despesas de cada participante durante a oficina (incluindo passagem aérea, hotel e ajuda de custo para refeições). As sedes anfitriãs são museus tribais

bem sucedidos e que podem servir de modelos para os tópicos da oficina. Cerca de quarenta pessoas se candidatam e apenas quinze são selecionadas, havendo assim um processo de seleção competitivo. Apesar do programa parecer muito com qualquer outra oficina, nós nos esforçamos para imprimir-lhe características nativas. O grupo anfitrião encarrega-se da apresentação de boas-vindas que geralmente inclui uma pequena cerimônia. As informações visam a fornecer exemplos, mas levando em consideração que cada comunidade tribal vai precisar moldá-los as suas próprias necessidades. Por exemplo, um museu tribal se oferece para guardar lembranças de famílias em reservas técnicas. Isso é algo que os museus comuns geralmente não costumam fazer. Mas, se um museu tribal se preocupa com a preservação cultural e quer ter a aprovação de sua comunidade, vai ter que desenvolver uma política e formas de atuação voltadas para as necessidades e à preservação da comunidade. Geralmente, os estudos de caso oferecidos durante as oficinas proporcionam exemplos ilustrativos, assim como as visitas às instalações do museu/ sede anfitrião. Nós tentamos, obter como professores ou palestrantes das oficinas, profissionais de museus que sejam indígenas americanos.

MV - O que você pensa sobre a recente iniciativa do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, de promover a primeira Oficina de museus para os Índios do Brasil?

Karen - Eu fiquei muito feliz em saber da iniciativa do Museu do Índio de iniciar um programa de treinamento e foi bom ter falado aqui sobre os tipos de museus tribais nos Estados Unidos. Apesar de os dois países viverem, decerto, situações diferentes, há muito o que aprender mutuamente. Eu acredito que ambos concordamos que os povos nativos devem ter a oportunidade de contar suas próprias histórias, de cuidar dos objetos que vão ficar nas suas próprias comunidades e de decidirem, eles mesmos, como vão fazer tudo aquilo que os museus fazem. Quando um museu tradicional divide seu conhecimento e experiência com os museus tribais, estabelece uma comunicação com as comunidades nativas o que, por sua vez, melhora as informações partilhadas pelo museu através de exposições e programas para o público. Em última instância, todos se beneficiam.

*Karen Coody Cooper é membro da Cherokee Nation of Oklahoma, trabalhou por vinte anos na área de museologia e é mestre em Liberal Studies pela Universidade de Oklahoma. Sua carreira começou com educação museológica, basicamente ensinando aos visitantes dos museus e educadores de escolas sobre os índios americanos. Nos últimos seis anos, ela tem gerenciado programas de treinamento para museus tribais no Smithsonian Center for Education and Museum Studies.

IMPRESSO